



CADA PESQUISA REVELA UM MUNDO

IV SIPECOM: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação
Estratégias e Identidades Midiáticas - 12 a 14 de Setembro na UFSM.

Porque estudar a representação das pessoas com deficiência na teledramaturgia brasileira¹

Bruna Rocha Silveira²
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RESUMO

Em 2009 foi ao ar a novela *Viver a Vida*, que apresentou uma protagonista com deficiência física. Com esse personagem, os 25 milhões de deficientes físicos do país (IBGE, 2010) puderam se reconhecer e reconhecer o seu cotidiano no horário nobre da televisão brasileira. Na era da visibilidade midiática em que vivemos, a representação midiática torna-se importante na constituição da identidade dos sujeitos. Neste artigo fazemos uma reflexão sobre a representação das pessoas com deficiência física na mídia e explicamos a escolha por pesquisar a representação das pessoas com deficiência nas telenovelas.³

PALAVRAS-CHAVE: Representação, Deficiência Física, Estudos Culturais, Telenovela.

No segundo semestre de 2009 foi ao ar a novela *Viver a Vida* no horário nobre da TV Globo, de Manoel Carlos. A novela não se diferenciava muito de outras histórias de Manoel Carlos: famílias ricas, residentes do Leblon (bairro nobre do Rio de Janeiro), formadas por pessoas belas com seus diferentes problemas pessoais. Mas em *Viver a Vida* houve um fato que fez dessa novela um divisor de águas: a personagem mais bela da novela, a mocinha da história sofre um acidente e fica tetraplégica. A personagem cresceu na trama e muitas ações promovendo acessibilidade e inclusão da pessoa com deficiência foram feitas em decorrência desta telenovela.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de cultura e identidade do IV SIPECOM - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação.

² Mestranda em Comunicação Social na PUCRS. Bolsista CNPQ. E-mail: bruna.rochasilveira@gmail.com

³ Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa em construção que tem como objeto de estudo a representação das pessoas com deficiência física na telenovela *Viver a Vida*.

A partir desse fato, a realidade das pessoas com deficiência foi escancarada no horário nobre da TV brasileira, num dos programas de maior audiência do país. Ao contrário da grande maioria das novelas, em que uma cura milagrosa é criada para a personagem, Manoel Carlos optou por mostrar a realidade de uma pessoa com deficiência.

Muitos são os estudos sobre educação inclusiva e pessoa com deficiência, mas a mídia é deixada de lado nas pesquisas brasileiras sobre a pessoa com deficiência. A televisão brasileira, mais do que instrumento de divulgação de informação, é um meio de legitimação de temas/assuntos problematizados na sociedade. A teledramaturgia sinaliza as mudanças que ocorrem na sociedade, criando tramas de forma que o espectador consiga se reconhecer de alguma forma. Segundo Magalhães (2008, p.68) “Estar na TV, tornar-se visível através da televisão parece sublinhar a existência de algo que se ali não estivesse não precisava ser falado, encarado, sobre o qual não precisaríamos nos posicionar”.

As representações das pessoas com deficiência física na mídia é tema que já despertou o interesse de pesquisadores americanos e ingleses, que, por sua vez, criaram os *Disability Studies*, que se propõem a desconstruir o aparato de poder e de saber que gira em torno daquilo que naturalizamos como o outro deficiente (SKLIAR, 2003, p. 155). Os *Disability Studies* é um campo emergente de pesquisa que une as ciências sociais, as humanidades e as ciências médicas, incluindo a “comunidade com deficiência” a participar dessas pesquisas para responder às mais diversas questões referentes às deficiências e relações das pessoas com deficiência e o meio em que vivem (ALBRECHT; SEELMAN; BURY, 2001).

Estudar as representações das pessoas com deficiência⁴ em telenovelas brasileiras se justifica em pelo menos três instâncias: a dos estudos das representações midiáticas, a da importância política dessas representações ao dar visibilidade a um

⁴ Na Convenção Internacional para Proteção e Promoção dos Direitos e Dignidade das Pessoas com Deficiência, ficou decidido que o termo correto utilizado para falar sobre pessoas com deficiência seria “pessoas com deficiência” e não Portador de deficiência ou deficiente. Neste trabalho, utilizamos majoritariamente o termo pessoa com deficiência para designar as pessoas com deficiência física, alternando com a denominação deficiente, quando tratadas deficiências específicas como deficiente auditivo, deficiente visual, etc.

tema que trata da inclusão, e da importância da telenovela, como um programa de abrangência nacional e transclassista.

Analisar a pessoa com deficiência na mídia brasileira é um estudo que clama por ser abordado. Existem hoje no Brasil em torno de 25 milhões de pessoas com deficiência (IBGE, 2010). Uma nação de “invisíveis”. A visibilidade que foi dada a essa população na novela *Viver a Vida*, através da personagem tetraplégica Luciana, exigiu da sociedade brasileira um posicionamento diante dos problemas enfrentados pelas pessoas com deficiência em nosso país. Fez, e ainda está fazendo, as pessoas pensarem sobre os direitos da pessoa com deficiência, principalmente no que se refere à acessibilidade⁵.

A novela *Viver a Vida* trouxe à tona temas como o preconceito contra a pessoa com deficiência. Preconceito esse que é pouco comentado ou lembrado. Entretanto, pesquisa realizada em 2009 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE, 2010) apontou que 96,5% dos entrevistados têm preconceito com relação à pessoa com deficiência. Esse número mostra que a população brasileira não só é preconceituosa, como não está preparada para viver com o diferente daquilo que lhes foi ensinado como sendo o “normal”.

O preconceito com a pessoa com deficiência pode ser explicado por um histórico de normalização em nossa sociedade. Skliar (2003) ao explicar o surgimento da normalização, remonta aos pensamentos de Foucault, quando este diz que o

processo de alterização da deficiência foi construído e inventado com a industrialização e com um conjunto de práticas e discursos indissolúvelmente vinculados a noções tais como nacionalidade, raça, gênero, criminalidade, orientação sexual etc. do final do século XVIII e início de século XIX (FOUCAULT apud SKLIAR, 2003, p. 170).

Foi apenas no século XIX que as palavras *normal*, *normalidade* e *normalização* passaram a ser utilizadas no sentido de padrão, de regular. E essa normalização do corpo e da mente passou a ser naturalizada pela sociedade (DAVIS, 1997, p. 10)

⁵ Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos. Possibilidade e condição de alcance para utilização do meio físico, meios de comunicação, produtos e serviços, por pessoa com deficiência (ABNT, 2010).

Segundo Davis (1997, p. 11), foi nessa mesma época que o estatístico francês Adolphe Quetelet criou a ideia do homem médio (*l'homme moyen*). Para Quetelet, esse homem médio balizaria o padrão físico e moral da sociedade. O que desviasse desse padrão, deveria ser considerado anormal.

Contemporâneo de Quetelet e seu *homem médio* está o movimento dos eugenistas, que se tornaram obsessivos com a ideia e com a prática da eliminação dos *defeitos* humanos, com o extermínio dos anormais (DAVIS, 1997, p. 10). Categoria essa construída para acolher/incluir todas as pessoas com deficiência. Ou seja, as pessoas com deficiência eram pessoas indesejáveis pela sociedade. Como explica Skliar, “o outro foi alterizado e sua alteridade foi examinada sob a lupa de um processo estatístico e eugenésico, matemático e moral, físico e social” (2003, p. 186).

Seguindo essa linha de pensamento, normalizar é escolher uma identidade específica como parâmetro, sobre a qual as demais serão avaliadas e hierarquizadas (Skliar, 2003). O normal é o desejável, é aquilo que tem valores positivos. O anormal é o que se detesta e se repele. Há assim uma hierarquia entre as identidades. A identidade normal é *natural*, a anormal é a que não deveria existir.

Essa normalização resultou na institucionalização de paradigmas segregacionistas das pessoas com deficiência. A sociedade parece se conceber enquanto grupo homogêneo, constituído de *pessoas normais*, cujo conceito de normalidade se faz a partir de padrões estéticos e produtivos que desconsideram a existência singular dos seres. As pessoas com deficiência, por não se enquadrarem nesses padrões, acabam tendo um lugar de diferenciação social.

Nesse cenário, Skliar nos esclarece que

as representações que procedem da literatura – e dos filmes e dos jornais e dos documentários etc., cada um com sua óbvia particularidade – têm a capacidade de apresentar a alteridade deficiente em termos de um olhar pendular. Olhar pendular que, sistematicamente, oscila entre a periculosidade, o primitivismo, a obscuridade e a ignorância, ou então seus opostos, isto é, o heroísmo, o emblema da calma, a superação, a civilidade (2003, p.189).

Esse olhar pendular, citado por Skliar, contém os pontos que pretendemos analisar em nossa pesquisa. Uma vez que, além do preconceito, outros temas são

tratados durante a telenovela, e se mostram também de grande importância, como a infantilização que fazem das pessoas com deficiência. Boa parte da sociedade trata a pessoa com deficiência como alguém incapaz, desprovido de vontade, gosto, inteligência e sexualidade, e que precisa de auxílio em todos os campos da vida, dignas de pena e merecedoras de ajuda. Nesse ponto entram as questões de divinização (o mito de que toda pessoa com deficiência é boa e pura) e da vitimização (o mito de que toda pessoa com deficiência é sofredora).

Dessa forma, tomando a deficiência a partir dos *Disability Studies*, e por consequência, dos Estudos Culturais, encaramos a deficiência como um construto cultural, e não um fato ou questão meramente biológica. Ao contrário do que boa parte da sociedade possa pensar, que a deficiência é uma preocupação do campo da medicina, das pessoas com deficiência e de seus familiares, entendemos a deficiência relacionada com a ideia da normalidade e sua historicidade. Ou seja, as deficiências são questões a serem pensadas pela sociedade e para a sociedade, uma vez que é um “fenômeno” global, que atinge a todos.

Tendo em vista tal realidade, nos perguntamos como a pessoa com deficiência física é representada nas telenovelas brasileiras e no que essas representações implicam em nossa sociedade e no cotidiano dessas pessoas.

Para pensar a representação das pessoas com deficiência na TV brasileira, utilizamos a definição de Hall, quando diz que a representação é

o processo através do qual os membros de uma cultura fazem uso da linguagem (geralmente definida como qualquer sistema que dispõe de signos, qualquer sistema de significação) para produzir sentido. Esta definição, por sua vez, carrega a importante premissa que as coisas – objetos, pessoas e eventos do mundo – não têm neles nenhum significado final ou verdadeiro. Somos nós, na sociedade – dentro de culturas humanas – quem fazemos as coisas ter sentido, significar (HALL, 1997, p. 61).

Dessa forma, as representações midiáticas interferem nas percepções individuais e coletivas do mundo. Para Woodward (2000), é nas representações que estão inseridas as práticas de significação e sistemas simbólicos que criam significados. E estas práticas e sistemas são o que nos posicionam no mundo como sujeitos. São esses significados que dão sentido à nossa experiência e ao que somos. Ainda para a autora, “todas as

práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído” (2000, p.18). Nesse sentido, Hall (2003) diz que a linguagem produz sentido e produz discursos dominantes ou preferenciais. Estes sentidos preferenciais teriam embutidos neles a ordem social enquanto conjunto de significados, práticas e crenças. Pode-se dizer que o discurso dominante é o discurso do “senso comum”, daquilo que é dado como certo. Mas, como lembra Hall, esse discurso não é determinado, porque sempre é possível modificá-lo. Para o autor, a prática televisiva “rearranja, delimita e prescreve em qual ‘consciência de todo o ambiente’” (2003, p. 375) os signos distintos estão organizados. Assim, a prática televisiva, através das representações do cotidiano, pode vir a modificar a ideia que as pessoas têm sobre a deficiência e as pessoas que as têm. Para Kellner a cultura da mídia é a cultura dominante nos dias de hoje, sendo também uma força dominante de socialização. Para o autor,

A cultura da mídia pode constituir um entrave para a democracia quando reproduz discursos reacionários, promovendo o racismo, o preconceito de sexo, idade, classe e outros, mas também pode propiciar o avanço dos interesses dos grupos oprimidos quando ataca coisas como as formas de segregação racial ou sexual, ou quando, pelo menos, as enfraquece com representações mais positivas de raça e sexo (2001 p.13).

A relação do homem com o seu mundo se dá pela experiência com os acontecimentos e pela sua representação (SOARES, 2007). Assim, a representação permite que as pessoas dividam suas experiências com as outras. Consequentemente, as pessoas dão sentido às coisas conforme as representam.

As representações, de certa forma, produzem identidades, tornando-se inevitável falar de representações sem tocar no tema identidade. Segundo Hall (1991), as identidades são política e culturalmente construídas, em momentos históricos particulares, e, para o autor a “identidade é sempre em parte uma narrativa, sempre em parte um tipo de representação. Está sempre dentro da representação” (1991, p. 49).

Para a realização de análise da telenovela *Viver a Vida*, tomaremos o âmbito do texto e o contexto em que a mensagem foi produzida e circulada. Para tal análise, nos valem dos conceitos de Kellner para a análise da cultura midiática. Segundo o autor,

numa cultura contemporânea dominada pela mídia, os meios dominantes de informação e entretenimento são uma fonte profunda e muitas vezes não percebidas de pedagogia cultural: contribuem para nos ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar – e o que não (2001, p. 10).

Dessa forma, entendemos que a cultura da mídia pode contribuir para a reprodução de discursos estereotipados e preconceituosos quando falamos em grupos minoritários (sexo, idade, classe, cor, habilidades), bem como pode propiciar uma visão mais positiva sobre esses grupos.

Segundo estudos de teóricos dos *Disability Studies*, historicamente as caracterizações das pessoas com deficiência foram enfatizadas na significação de suas anormalidades. A visão que a mídia e a arte tinham sobre a pessoa com deficiência era (e talvez continue sendo) tão estereotipada quanto a visão geral da sociedade. Estudos feitos nos EUA e na Inglaterra mostraram que a televisão costuma tratar a deficiência com a abordagem da tragédia pessoal. Em estudo feito com a mídia jornal, Smith e Jordan (1991) identificam a presença de forte dramatização e sensacionalismo nos textos sobre a pessoa com deficiência. Já os estudos de Karpf (1988) mostraram que no rádio e na TV a pessoa com deficiência aparece como meio de curas miraculosas e caridade. O sujeito com deficiência é invisível aos olhos da sociedade. Não é visto como um ser humano com direitos como todos os outros, apenas como uma atração, não muito diferente da figura dos *freak shows* do século 19 (BARNES e MERCER, 2001).

Em estudo sobre a representação das pessoas com deficiência na mídia, Barnes (1992) identifica os estereótipos culturais mais frequentemente mostrados pela mídia sobre as pessoas com deficiência: lamentável, patético, objeto de violência, sinistro, do mal, “curioso”, aleijado, objeto do ridículo, como seu próprio mal ou próprio inimigo, sexualmente anormal, incapaz de participar da vida em comunidade e como indivíduo normal.

A hierarquização social acaba por valorizar uma determinada hegemonia de uma identidade sobre as demais, causando a exclusão das singularidades. E nessa categorização, as pessoas com deficiência são consideradas inaptas à vida social. Entretanto, como aponta Castel (2000), o problema não está na pessoa com deficiência,

e sim na sociedade que não cria condições para que o sujeito com deficiência possa ser produtivo e possa participar da vida social. Essas condições poderiam ser expressas em forma de abertura do mercado de trabalho e melhor acessibilidade a locais públicos e escolas, a fim de que a pessoa com deficiência tenha as mesmas condições de educação que toda a população. Uma das formas de ver a marginalização dos chamados “excluídos” é de que essa exclusão acontece em função da estrutura social e não por causa de uma incapacidade pessoal. O corpo deficiente, apesar de chamar atenção ao olhar, passa invisível aos olhos da sociedade.

Além da falta de políticas públicas que promovam a inclusão da pessoa com deficiência, vemos cotidianamente na mídia a exaltação do corpo belo, perfeito e saudável. A feiúra, deformidade ou descaso com a aparência física são considerados desleixo, preguiça e falta de vontade do sujeito “se melhorar”, de ir atrás de uma “cura milagrosa”. O corpo considerado feio precisa ser normalizado.

Por fim, gostaríamos de justificar nossa escolha pela telenovela como produto midiático para análise da representação da pessoa com deficiência física. A televisão no Brasil é o meio de comunicação de massa de maior alcance⁶, e a telenovela é mais do que um entretenimento: é produto de uma indústria cultural. Além de entreter, possui a capacidade de “alimentar um repertório comum por meio do qual pessoas de classes sociais, gerações, sexo, raça e regiões diferentes se posicionam e se reconhecem umas às outras” (LOPES, 1999). Segundo Martín-Barbero, a telenovela é vista como um espaço de intervenção que culturalmente oferece um campo para a introdução de valores e hábitos (JACKS, 1999, p. 173).

A telenovela pode ser considerada um novo espaço público, pois provoca discussões sobre temas atuais, gerando polêmica e exigindo das pessoas uma posição perante essas situações. Lopes nos elucida sobre esse papel da telenovela quando diz que

⁶ 95,1% dos lares possuem televisão (IBGE, 2010); Segundo a recente pesquisa *Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira*, publicada pela Secretaria de Comunicação do Governo Federal (SECOM, 2010), a televisão é o canal de comunicação mais utilizado pela população brasileira, citado por 96,6% dos entrevistados. Das pessoas que costumam ver televisão, 68,8% assistem em média entre uma e quatro horas diárias. Outros 7,3% afirmaram passar mais de seis horas assistindo televisão diariamente. Segundo a mesma pesquisa, a televisão aberta é considerada o meio de comunicação mais confiável e também o meio mais importante para buscar informações.

A novela talvez seja um exemplo único de como um sistema de mídia televisivo pode ser responsável pela emergência de um espaço público peculiar que nos anos atuais se diversificou e se apresenta como alternativa principal de realização pessoal, inclusão social e de poder, isto é, como uma nova forma de cidadania. A novela, enfim, conseguiu permeabilizar o espaço público brasileiro à atualização e à problematização da identidade nacional em um período de profundas e aceleradas transformações (1999, p. 32).

A visibilidade midiática pode ser entendida como espaço de negociação de sentidos da sociedade e as instituições midiáticas ligam os indivíduos desta sociedade lançando temas a serem discutidos, que poderão produzir sentidos, sentimentos e mudanças sociais. Para Lopes (1999), a tele-ficção no Brasil ocupa um espaço de reflexão e problematização da nação, além de agendar os assuntos da vida cotidiana. Para Hamburger (2005, p. 27), no Brasil, a telenovela é “palco privilegiado da problematização da nacionalidade”.

Segundo Martín-Barbero (2008), a televisão e a ficção televisiva, são decisivas para a construção da identidade coletiva da nação. Para o autor, a telenovela é o formato que cruza as lógicas da globalização e das culturas populares regionais, ao representar aspectos da vida cotidiana do espectador, misturando fatos da “vida real” do telespectador e assuntos que estão em voga na sociedade, junto à história contada através da ficção.

Entendemos, como Kellner (2001), que a cultura da mídia é a cultura dominante na contemporaneidade. Ela ocupa hoje o lugar antes ocupado pela família, igreja ou escola. Ela dita os nossos gostos, valores e pensamentos, conduzindo-nos a certo estilo de vida. É a cultura da mídia que nos diz como ser homem ou mulher, como trabalhar, como se vestir, como se portar. É ela também que constrói nosso “senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p.9).

Tendo desenhado esse cenário, esperamos, além de ter justificado a escolha pelo tema para projeto de pesquisa, ter refletido sobre o importante papel da mídia na construção da realidade social. Levando em conta que os significados são constantemente produzidos pela interação entre os sujeitos e pelo consumo de objetos

culturais, a interação da sociedade com um personagem com uma deficiência física pode produzir outros significados para a deficiência, sendo capaz de mudar o olhar que a pessoa sem deficiência tem sobre a pessoa com deficiência e o olhar que a pessoa com deficiência tem de si própria.

REFERÊNCIAS

ABNT, Associação Brasileira De Normas Técnicas. **NBR 9050**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Disponível em: <<http://www.mpdft.gov.br/sicorde/NBR9050-31052004.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

ALBRECHT, Gary L.; SEELMAN, Katherine D.; BURY, Michael. Introduction. The Formation of Disability Studies. In: ALBRECHT, Gary L.; SEELMAN, Katherine D.; BURY, Michael. **Handbook of Disability Studies**. Oaks: Sage Publications, 2001.

BARNES, Colin. **Disabling imagery and the media**: an exploration of the principles for media representations of disabled people. Halifax: Ryburn Book Production, 1992. Disponível em: <<http://www.leeds.ac.uk/disability-studies/archiveuk/Barnes/disabling%20imagery.pdf>>

BARNES, Colin; MERCER, Geoff. Disability Culture. Assimilation or Inclusion. In: ALBRECHT, Gary L.; SEELMAN, Katherine D.; BURY, Michael. **Handbook of Disability Studies**. Oaks: Sage Publications, 2001.

CASTEL, Robert. As armadilhas da exclusão. In: Wanderley, Mariangela Belfiore et all. **Desigualdade e a questão social**. São Paulo: EDUC, 2000.

DAVIS, Lennard. Constructing normalcy: the Bell Curve, the novel, and the invention of the disabled body in the nineteenth century. In: **The Disability Studies reader**. Nova York: Routledge, 1997.

FIPE. Disponível em: <<http://www.fipe.org.br/web/index.asp>> Acesso em: 10 maio 2010.

HALL, Stuart. Old and new identities, old and new ethnicities. In: KING, Anthony D. (org.) **Culture, Globalization and World-System**. Londres: Macmillan, 1991.

_____. The work of representation. In: Stuart Hall (Org). **Representation**: Cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997.

_____. Codificação/Decodificação. In: SOVIK, Liv (Org.) **Da Diáspora**: Identidades e Mediações Culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado**. A sociedade da novela. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2005.

IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 01 maio 2010.



CADA PESQUISA REVELA UM MUNDO

IV SIPECOM: Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação
Estratégias e Identidades Midiáticas - 12 a 14 de Setembro na UFSM.

JACKS, Nilda. **Querência, cultura regional como mediação simbólica**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

KARPF, A. **Doctoring the media**. Londres: Routledge Kegan Paul, 1988.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Estudos Culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru: Edusc, 2001.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comun. educ.**, São Paulo, n.26, 1999. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01046829199900100003&lng=pt&nrm=iso>.

MAGALHÃES, Nara. **Eu vi um Brasil na TV: Televisão e Cultura em Perspectivas Antropológicas**. Santa Maria: UFSM, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

SECOM. **Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira**. Disponível em: <<http://www.midiarj.org.br/sites/default/files/Pesquisa%20SECOM%202010.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2010

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença; e se o outro não estivesse aí??** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.

SMITH, S. e JORDAN, A. **What the papers say and don't say about disability**. Londres: Spatics Society, 1991.

SOARES, Murilo César. Representações e Comunicação: uma relação em crise. **Líbero**. Vol. 10, n.20, 2007, p. 47-56.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.